

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração — Calçada do Gombro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Tâmbora — Lisboa • Telefone: 7
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATAILHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O viver caro e difícil

Este assunto da carestia da vida já pouco se presta para considerações novas, mas a verdade é que há a necessidade de o tratar largamente, embora focando insistentemente este ou aquele aspecto da questão. Por isso, voltamos hoje à carga, procurando fazer ver aos consumidores que estão atravessando uma crise miserável de energia, aceitando de bom ou mau grado tudo o que por bem entendem fazer os anafados mercadores ou os autênticos bandidos que fazem dos seus escritórios e companhias um novo pinhal da Azambuja, onde cautelosamente se emboscam para aliviar o bolso do transeunte incauto, do seu magro recheio. Voltamos, pois, a versar a magna questão do viver caro e difícil, que neste momento assume uma gravidade crescente perante uma alta repentina e quicada artificial sofrida pelos artigos alimentares que mais largo consumo têm entre as classes operárias.

O trabalhador que ao fim da semana ou quinzena recebe a parca fôrta, decerto se julga rico perante o avultado masso de papéis e de vários tamanhos e cores que o patrão lhe entrega em retribuição dos seus serviços. Porém, quando vai à mercearia e adquire um bocadinho de bacalhau semi-podre, delgado, guarnecido de grossa espina e de pouco miolo ou, então, umas escassas gramas de açúcar negro e com cheiro a ratos, constatando a velocidade extraordinária com que as cédulas desfilam das suas mãos, passando para as do mercador, um pouco deve refletir sobre a sua miserável situação. Se nesse momento lhe fizessem ver a necessidade de se promover uma enérgica manifestação da opinião pública contra os abusos e tropelias dos que vivem da fome pública, possível é que assimilassem esse sentimento de revolta e um pouco de energia dispendesse no combate aos seus inimigos. Passado, porém, esse momento em que sente em toda a sua crueza o problema do viver caro, esse trabalhador tudo olvida, para mais que pronto esquecimento encontrar num copo de vinho de duvidosa pureza, artigo que igualmente tem sido objecto de desenfreada especulação, mas que ele paga de boa vontade, uma vez que geralmente não conhece o convívio de um livro e só no sumo generoso da uva encontra breve esquecimento às suas dores e amarguras. Desta anestesia moral, de que freqüentemente lança mão, resulta que o seu cérebro está cerrado a qualquer sentimento de revolta raciocinada. Não é capaz de dar o seu concurso a um movimento coordenado e contínuo contra a carestia da vida. Disso é absolutamente incapaz. E, assim, a sua acção no que ao assunto respeita, limita-se às lamentações surdas a todo o momento ouvidas no misérrimo lar e a um ou outro curto e áspero diálogo com um camarada de trabalho.

Achamos de justiça que dos governantes se reclame a sua atenção para o instantâneo problema da carestia da vida. Porém, quando os directamente interessados dele por completo se alheiam, go que farão os homens que constituem os diversos grupelhos políticos que têm lugar na nossa estada? Não nos admira, pois, o indolentismo dos governantes, que eles cubram com o seu beneplácito os assambradores. Só o deixariam de fazer se adivinhassem as massas populares o fermento ameaçador de uma revolta mal contida. Como não vêem isso, entregam-se tranquilamente às delícias do mando, mergulhando voluptuosamente na intrigalhadeira politiquês do Terreiro do Paço, de que muitos, utilizando-se para isso de um pouco de astúcia, tiram razoáveis proveitos.

A situação está claramente estabelecida. Ao consumidor falta autoridade para protestar contra a carestia da vida. Dos que governam nada se pode reclamar porque, sendo irmãos siamezes dos assambradores, só algo fariam se o consumidor muito fizesse. Quem fica em campo, revestido de uma grande e extraordinária autoridade, é a organização operária, que bastante tem lutado contra a carestia da vida, utilizando-se para isso do manifesto, do jornal, do comício, da sessão de propaganda. Tem feito tudo o que era humanamente possível. Se mais não fez, se do seu trabalho de alguns anos nada de prático resultou é porque muitas vezes as massas trabalhadoras não secundaram, deixando-se levar de vencida pelo indiferentismo, acobardando-se, resignando-se a continuar tasquinhando o pão nauseante fornecido pelo sindicato dos moageiros e a ingerir bacalhau semi-podre e mal cheiroso.

A organização operária e os seus militantes é que podem falar bem alto. No combate contra o viver caro e difícil bastante se esforçaram e, portanto, este jornal, como legítimo e único representante da organização operária portuguesa, à vontade pode falar, verberando o procedimento dos assambradores ladravazes e sem escrúpulos; dos governantes, uns por terem deixado passar muitas negociações e outros por olharem indiferentemente tam grande questão; e dos consumidores, que pouco ou nada têm feito para obrigar os que vivem da fome pública a moderar os seus impios, a resignarem-se à redução do ganho fácil.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Curioso convite

Por ordem do ministro do trabalho, a direcção da mutualidade livre e associações profissionais, do Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios, enviou uma circular a todas as associações operárias, para cada uma delas indicar, com toda a urgência, três nomes de operários, a fim de entre todos o governo escolher o que há de representar os operários portugueses no congresso geral de trabalho que se realiza em Washington (E. U. A.), no próximo mês de Novembro. Evidente é que a organização operária declarará unanimemente não tomar nada, em presença da proposta do governo. O Congresso de Washington, não revestirá importância social alguma, já se sabe, e não caberia lá a presença de operários de verdade. Mas percebe-se bem a tática do convite, em que o governo se reserva o direito da escolha do delegado. E que aos políticos poderia convir a cumplicidade de um trabalhador de fantasia para sancionar em público as batatas que em Washington se perpetrarão.

Ivan e o pope

O *Liberator*, de Nova York, publica em seu número de Julho um interessante artigo sobre a religião sob os bolchevistas. E' desse artigo a seguinte passagem:

«Os camponeses já não aceitam cegamente os jejuns e a submissão espiritual, essas características do que para eles era a religião ortodoxa.

Uma aneddotica colhida num jornal antibolchevista mostra a tendência geral dos rurais. Nela nos aparece um homem, Ivan, que até aqui observava regularmente todos os jejuns e levava ao pope a sua manteiga e mais guloseimas. Ora, num dia de jejum viram-no a comer pão com manteiga. Como manifestasse estranheza, ele explicou, imperturbável:

«Até agora, não fazíamos como se fôssemos escravos de Deus, e não seus filhos.

Mas eu não acredito que sejamos escravos de Deus. Acho que somos filhos dele, e por isso agora procedo como filho de Deus.»

Os nossos pobres...

Do Banco Colonial Português, que no dia 15 do corrente vai ser inaugurado na rua do Ouro, 175 a 191, recebemos, com um delicado convite para assistir a esse acto, um cheque de 100000, para mandar receber após a abertura do Banco. Assim — diz-se no officio que acompanha o cheque — poderá o trabalhador de alguns anos nada de prático resultou é porque muitas vezes as massas trabalhadoras não secundaram, deixando-se levar de vencida pelo indiferentismo, acobardando-se, resignando-se a continuar tasquinhando o pão nauseante fornecido pelo sindicato dos moageiros e a ingerir bacalhau semi-podre e mal cheiroso.

O Congresso de Sciencias em Bilbau

BILBAU, 10.—Os delegados portugueses ao Congresso de Sciencias visitaram o sr. Dato. A comissão era presidida pelo dr. Gomes Teixeira, reitor da Universidade do Porto. — H.

O reitor da Universidade do Porto faz uma conferência

BILBAU, 10.—Congresso de Sciencias. Na secção de matemáticas, presidida pelo reitor da Universidade de Madrid, Carracedo, o reitor da Universidade do Porto, dr. Gomes Teixeira, fez uma conferência muito notável. A secção resolveu telegrafar ao governo português e exprimir-lhe a satisfação que lhe causou o labor científico português. — H.

II CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL

para onde hoje partem os últimos delegados

O II Congresso Operário Nacional inicia efectivamente amanhã, pelas 11 horas, os seus trabalhos, no teatro Sousa Bastos, de Coimbra, com a representação de cerca de 250 sindicatos, número este nunca registado em congressos anteriores. Os últimos delegados partem hoje para aquela cidade, pelas 10 horas, tendo já para ali seguido os restantes, em número muito elevado.

Temos as melhores esperanças de que o II Congresso Operário Nacional traduzirá não só uma imponente manifestação de forças dos trabalhadores organizados, mas também uma bela afirmação de consciência operária.

Duas novas adesões temos hoje a registar, recebidas ontem na U. O. N.: a da Associação das Classes Mistas de Tomar e a do Sindicato dos Chapeleiros de Lisboa, fazendo-se a primeira representar pelo camarada Ramiro Nunes Pereira.

Também nos chega a informação de que o Sindicato Ferroviário da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, em reunião extraordinária de ontem, nomeou um delegado directo ao Congresso, recaindo a escolha no camarada Jaime das Neves Fonseca.

Novamente inserimos hoje, a pedido da comissão organizadora, a ordem de trabalhos do Congresso:

Dia 13 — 1.ª sessão, às 11 horas: abertura do Congresso, revisão de mandatos, apreciação dos relatórios das comissões administrativas das 1.ª e 2.ª secções da U. O. N. e do Conselho Jurídico, nomeação de comissões de pareceres.

2.ª sessão, às 20 horas: discussão do projecto de estatutos da futura Confederação.

Dia 14 — 3.ª sessão, às 10 horas: discussão das teses: Relações Internacionais, O Esperanto nas relações internacionais, e Organização operária nas colónias.

4.ª sessão, às 20 horas: discussão da tese: Sindicatos Mistos, de Indústria e Unicos.

Dia 15 — 5.ª sessão, às 10 horas: discussão da tese, Reformas imediatas, etc.

6.ª sessão, às 20 horas: discussão dos pareceres relativos a vários trabalhos de diferentes sindicatos; nomeação do Comité Confederal; encerramento do Congresso.

O regulamento do Congresso, que já por nós foi há tempo publicado, de novo o damos à estampa para completa elucidação de todos os congressistas:

Artigo 1.º — Constituem o Congresso:

a) As Associações de Classe;

b) As Federações Corporativas;

c) As Unões Locais de Sindicatos;

d) As Secções de Sindicatos;

e) A Comissão Organizadora do Congresso;

f) As Comissões Administrativas das 1.ª e 2.ª Secções da U. O. N.

Artigo 2.º — Cada uma das supracitadas organizações pode fazer-se representar por um até três delegados.

Uma importante moção do pessoal menor dos Correios e Telégrafos

Na assembleia magna que esta classe, efectuou ante-onde, entre outros assuntos de interesse exclusivo para a classe, foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que o pessoal menor dos Correios e Telégrafos está animado do maior desejo de acampar, as demais classes, na marcha para a conquista da sua integral emancipação económica e social; Considerando que, devido a muitos factos, a classe se encontra completamente desiludida da acção neísta e contraproducente de todos os partidos políticos, dos mais conservadores aos mais avançados; Considerando que, por muito que isso pese à classe, não poderá ela em todas as ocasiões acompanhar as demais classes nos seus movimentos revolucionários declarando-se, portanto, que os meios de acção de que a classe dispõe deve ser claramente constantes, do presente o congresso a realizar em Coimbra para que a classe trabalhadora em geral não mantenha flússos sobre a atitude que, ela de futuro venha a adoptar; O pessoal menor dos Correios e Telégrafos, reunido em assembleia magna para definir a sua atitude perante o II Congresso Operário Nacional, resolve:

1.º Ratificar a sua adesão ao referido congresso, fazendo os mais ardentes e vibrantes votos para que dos seus múltiplos trabalhos surja o perfeito robustecimento da organização proletária;

2.º Entrar declaradamente no campo da luta de classes, usando por método exclusivo a acção directa, não admitindo portanto, que indivíduos estranhos à organização se intrometam nas suas questões sindicais;

3.º Pela boca dos seus delegados no congresso, declarar aos representantes das demais classes que apenas se comprometem: A) Nos movimentos de carácter local, dar todo o seu apoio moral; como também noticiário caso as camaradas da luta que se celebrem; B) Em caso de greve geral nacional, enviar todos os esforços ao seu alcance para que os serviços telegráficos e postais parem também, para cuja execução necessitam do tempo indispensável e uma boa preparação.

Um manifesto de Lenine aos soldados da Entente

The Labor Call reproduz um manifesto assinado por Lenine e Chicherin e lançado pelos aeroplanos bolchevistas sobre os soldados ingleses em Volodga:

«Para justificar a agressão contra nós e a invasão do nosso território, alega o vosso governo as razões seguintes:

1.º Quer destruir a anarquia, e restaurar a ordem. Não é verdade. O vosso governo e o francês é que são os causadores da actual desordem na Rússia. Desde os inícios da Revolução, nunca os seus agentes cessaram de fomentar conspirações contra-revolucionárias. (Segue-se a enumeração das principais). O que o vosso governo quer é restaurar o tsarismo.

2.º Vistes para socorrer o povo russo e trazê-lo à guerra. Não queremos a paz. Podemos consolidar só as conquistas da revolução, restabelecer a ordem política e económica.

Em Samara, os checoslovacos, com a cooperação do vosso governo, aboliram todas as organizações operárias e o dia de 8 horas de trabalho, impondo uma oligarquia de capitalistas, especuladores e ex-oficiais tsaristas. E' com o mesmo intuito que o vosso governo vos quer empregar na Rússia central e setentrional. Se o vosso governo tivesse intenção de auxiliar o povo russo, reconhecer o governo dos Sovietes de operários e camponeses, ajudando-nos a reorganizar as nossas indústrias e caminhos de ferro e entrando connosco em relações de negócio proveitosas para ambos os países.

Mas o que ele quer é tornar a pôr o povo russo sob o jugo do capitalismo e do tsarismo.

3.º Que a invasão dos aliados é bem acolhida pelo povo russo. Vós dizeis isso é verdade. Um conjunto de cam-

O Congresso Socialista Italiano

vai discutir um novo programa

A importância da fracção maximalista

O Partido Socialista Italiano vai celebrar nos dias 25 a 28 do corrente o seu primeiro congresso geral depois do estalar da guerra, tendo-se acendido já no seio do partido as mais vivas polémicas sobre os temas a discutir, particularmente sobre o novo programa que a fracção maximalista pretende propor à aprovação da assembleia, para que substitua o de 1892, inspirado no de Erfurt, da social-democracia alemã.

Temos diante de nós o extenso documento, firmado por quatro membros da actual Direcção do Partido, Gennari, Serrati, Bombacci e Salvadori. E' a repetição ou ampliação das moções aprovadas pelo referido directório nos últimos tempos e representa a doutrina predominante no partido, defendida pelo *Avanti!* nas suas três edições, com a sua tiragem total de 200.000 exemplares.

Vale, pois, a pena dar aqui as grandes linhas gerais deste programa destinado a triunfar, pois é um indicio da influência dos grandes acontecimentos do Oriente e marca uma evolução do pensamento socialista democrático.

O programa — Ou socialismo ou guerra! — Urgência da revolução — P'ro olho da rua os reformistas!

Os signatários, constituindo a comissão nomeada numa reunião de maximalistas ou comunistas para elaboração do documento que nos ocupa, começam por afirmar que o velho programa socialista caducou em face dos acontecimentos, no período revolucionário que atravessamos. Demais, a nova orientação já ficou marcada em numerosas decisões do directório, apoiado e instigado pela massa dos membros do partido, salientando-se entre ellas a adesão à 3.ª Internacional, de Moscovia.

As ideologias pacifistas burguesas afirmam, admitte-se que o wilsonismo tenha enganado alguns socialistas moderados, mas hoje o partido não pode prestar-se a manobras cujo unico fim é velar a necessidade duma revolução mundial proletária que termine as guerras de vez. Se o partido tolerasse no seu seio o wilsonismo, seria cúmplice dum logro praticado em prejuizo dos povos. Ou socialismo, ou a guerra constantemente renovada.

A guerra trouxe consigo a falência da burguesia e dos seus fins. Por toda a parte o caos económico, do qual a sociedade burguesa não poderá sair.

Só o socialismo poderá salvar a humanidade. O período de reconstrução socialista terá que ser difícil e trabalhoso, por causa do incho do desastre actual e pela oposição feroz e sem escrúpulos da burguesia. Mas urge afrontar resolutamente a dura prova, sob pena de fome e ruína completas.

Quem julgue possível colaborar com a burguesia e evitar o supremo embate entre as duas classes inimigas não tem lugar no Partido. Já não pode haver comunidade de trabalho entre quem sonha fôrta; já ultrapassadas de democracia burguesa, sejam embora em democracia de rubras cores ou guiadas por pretensos socialistas, e quem pretende marchar resolutamente para a democracia proletária, para o Comunismo.

Os fins — O parlamentarismo, incapaz como instrumento de renovação — Todo o poder aos Conselhos operários

Fixada a necessidade de acção revolucionária, o programa expõe os objectivos que ela deve ter em vista.

«Quem vos acolhe bem? Os ex-senhores de terras, que esperam retomar ao povo russo a propriedade dos latifúndios, minas e florestas! Os capitalistas, que pretendem derribar o governo dos operários. Os *tsinhawaks*, os ex-oficiais tsaristas que aspiram a restaurar a corrupção, a tirania, o reinado do bel-prazer, o arbitrio, que tornavam notória a velha Rússia.

Fazem-vos boa cara para vos empregar no serviço dos seus planos. O general Gurko, o comandante em chefe russo, é um reacçãoário de gema. Kerenski mandara o prender por causa da sua propaganda monárquica. Os agentes do vosso governo deram-lhe fuga.

Camaradas! Não presteis o vosso curso a esses planos! Não permitais que vos façam servir os inimigos da liberdade! Que não seja dito que os operários ingleses praticaram a vergonha de correr para o esmagamento da Revolução russa!

Esta proclamação foi igualmente espalhada pelo mesmo processo em francês, italiano, russo e japonês.

Note-se o cuidado que o governo bolchevista tem de declarar constantemente que quer a paz, que só deseja que o deixem em paz.

Por isso multiplica, desde o início da guerra que lhe é feita de fora, as suas propostas de paz, com o fim manifesto de mostrar onde estão as responsabilidades da luta. E a propósito de cada uma dessas amiludadas propostas, a imprensa burguesa proclama com a sua proverbial boafé: «A agonia do bolchevismo.»

E' um «estertor» que dura há dois anos...

O ESTUDO DE GUERRA EM BARCELONA

BARCELONA, 2.—A's 10 horas da manhã foi levantado o estado de guerra — H.

O Livro Vermelho do Terror Branco

Ainda os pogromes

Como em Vilna e Lida, a entrada das tropas polacas em Minsk foi seguida dum sangrento pogrome.

Minsk foi tomada em 8 de Agosto. No mesmo dia, às dezasseis horas, começou o pogrome, tendo os soldados dado como sempre o sinal e juntandoss-lhes em breve os reacçãoários civis. Resultado: 31 judeus mortos, 500 lojas ou armazéns saqueados, assim como algumas centenas de casas particulares, uma sinagoga profanada.

No dia seguinte chegou a Minsk o comandante polaco, com o general Jadin e o professor Guthard, membros da comissão de inquérito norte-americana. Apesar do apelo do comandante, ainda se produziram nesse dia alguns assaltos contra habitações israelitas.

No seu relatório, o general Jadin confirma o número de mortos, 31, todos os paisanos, tendo verificado que nenhum civil judeu disparara sobre as tropas polacas. Quanto aos saques, segundo um relatório preliminar, isto é, incompleto, dá a cifra de 370 lojas e armazéns saqueados, além de «certo número de casas privadas».

Também na Hungria se levantou uma campanha anti-semita, atribuindo os contra-revolucionários o bolchevismo à raça hebraica em globo!

E' publicada amanhã a lei que cria a polícia marítima num posto em Lisboa.

Congressos corporativos

VI Congresso dos Empregados no Comércio

SANTAREM, 10. — C. — Reunião, em Assembleia Geral a Associação dos Empregados no Comércio, para tratar de assuntos que se prendem com o próximo Congresso, e nomear delegados, resolvendo que a direcção juntamente com a Comissão de Propaganda e o presidente da assembleia geral, fiquem com plenos poderes para tratar de todos os assuntos relativos ao Congresso da classe.

Foram nomeados delegados da Associação ao VI Congresso os camaradas: Manuel Cid e Francisco Prudêncio. Ainda se trabalhando activamente para a cedência do Teatro Rosa Damasceno, para ali se realizar o Congresso.

A direcção da Associação dos Empregados no Comércio de Santarem está empenhada em receber dignamente todos os camaradas congressistas, facilitando-lhes todas as comodidades.

EM ITÁLIA

Prisão de fabricantes de dinheiro por conta própria

ROMA, 10.—A polícia italiana deteve uma quadrilha de falsificadores de notas de 1000 liras. O «Messagero» revelava esta manhã que está averiguado que a fábrica de notas falsas se encontra estabelecida no estrangeiro e que se derem resultado as investigações da polícia, terão lugar novas e sensacionais prisões e que talvez se chegue a descobrir uma vasta associação que conspirava em prejuizo dos interesses italianos. — H.

A agitação social em França

Os «dockers» de Marselha proclamam a greve geral

MARSELHA, 10.—A assembleia dos «dockers» rejeitou definitivamente as propostas dos empreiteiros e perillou a greve geral até se obterem 20 francos por dia de 8 horas de trabalho e a supressão das horas suplementares. — H.

Os caixeiros de Livreria reclamam aumento de salário

A secção de livreria da Associação dos Caixeiros, enviou ao patronato uma circular reclamando aumento de salário, aumento este que justificam com a carestia da vida.

Esse aumento será nos ordenados de 30500, de 100 por cento; nos de 40500, de 75 p. c.; nos de 50500, de 60 p. c.; nos de 60500, de 50 p. c.; nos de 70500, de 40 p. c.; nos de 70501 para cima o aumento proporcional de 28500.

Contam os caixeiros de livreria que esse aumento começa vigorando no próximo mês de outubro, mantendo-se ainda, as regalias já existentes.

Greve sangrenta

HAMOND (Estado de Indiana), 10.—Depois do recontro que uns 1000 empregados da Standard Steel & C. tiveram com a polícia resultaram mortos 5 grevistas e 15 feridos. — H.

Perseguições governamentais

Comissão pré-prasos por questões sociais

Acerca da libertação dos camaradas de Viana do Castelo, Braga, Porto, etc., nada de positivo sabe esta comissão. Na cadeia de Odeira encontram-se presos 16 trabalhadores rurais, entre eles 5 dos que há pouco regressaram do degredo em Africa, podendo ser aliçados, segundo comunicou o juiz da comarca, em 200500, para o que não acha esta comissão razão plausível, visto esses camaradas terem regressado em absoluta liberdade. As prisões são devidas às perseguições dos lavradores do Vale de S. Tiago, que são secundados pelas autoridades. Resolveu esta comissão, em face deste caso, que a Imprensa desagradavelmente, enviar, de acordo com o Conselho Jurídico da U. O. N., um delegado a Odeira, a fim de tratar do assunto juntamente com o advogado dr. Sobral de Campos.

Tem esta comissão também conhecimento da chegada ao governo civil do operário António de Oliveira, expulso de Espanha há dias e enviado para Elvas, onde esteve encarcerado na esquadra de polícia daquela cidade.

As greves Metalúrgicas

Ficou ontem felizmente solucionada, com inteiro êxito para os operários, a greve do pessoal da Empresa Metalúrgica Lisboense, o qual, tendo mantido firmemente a sua atitude, sem violências mas, também, sem fraquezas nem decepções, demonstrou praticamente quanto vale a compreensão do dever colectivo, quanto pode a solidariedade operária que deve ser inteiramente isenta de egoísmo e impregnada do alto espírito do clássico: «Um por todos, todos por um.»

Da solução dada ao caso não serão os operários a aproveitarem. O próprio patronato tirará as vantagens consequentes de ter satisfeito o seu pessoal.

Na sede do S. U. M., reuniu ontem, pelas 13 horas, o pessoal grevista para tomar conhecimento dos trabalhos da comissão que, juntamente com o delegado do S. U. M., entrevistara pelas 11 horas, um dos representantes da empresa.

Com verdadeira satisfação a comissão comunicou à assembleia que as reclamações tinham sido totalmente satisfecidas, concedendo a empresa o aumento de 25 000 sobre os salários e fornecendo ao S. U. M. um documento no qual assume o compromisso de satisfazer essas reclamações.

No final da sessão foi aprovada uma moção do seguinte teor:

O pessoal grevista reunido no S. U. M. resolve:

1.º Congratular-se pela atitude tomada pelos metalúrgicos, não traindo aquele movimento.

2.º Fazer votos para que, do próximo Congresso Nacional Operário, resulte a unificação de todos os trabalhadores.

3.º Sentar o nosso acrímo detector A Batalha, pela atitude por ela sempre tomada.

A paz com a Austria

Um ultimatum aos romenos

PARIS, 10.—O conselho supremo concedeu até sábado aos delegados romenos o fazerem conhecer as intenções definitivas do seu governo pelo que respeita à assinatura do tratado de paz com a Austria por parte desses delegados. — H.

Trabalhadores lêde e orovazal

